

## A festa de Babette: a sexualidade como estrangeira

Shafak Regina Cafruni<sup>1</sup>

Juliana Lang Lima<sup>2</sup>

*A festa de Babette* (1987), película franco-dinamarquesa dirigida por Gabriel Axel e baseada em um conto de Karen Blixen, nos transporta com maestria ao século XIX, proporcionando uma agradável visita a essa época marcada por crises econômicas, revoluções, repressão sexual, religiosidade, que também assistiu ao nascimento de Sigmund Freud. Com grande sucesso no seu lançamento, tendo sido vencedora do Oscar de melhor filme estrangeiro, a obra recebeu a atenção especialmente dos interessados em arte e gastronomia, o que nos estimulou a buscar na psicanálise uma interlocução para seguir produzindo, de forma muito pessoal, ressonâncias acerca dessa bela narrativa. Assim, advertimos para que o leitor não espere uma leitura de psicanálise aplicada, como Freud fez ao analisar a vida pessoal de artistas, como Leonardo da Vinci e Dostoiévski, ou suas obras, como o *Moisés*, de Michelangelo, e a *Gradiva*, de Jensen. O escrito a seguir trata-se, antes disso, de um livre associar que faz breves visitas a alguns dos momentos importantes da obra freudiana.

Logo de início somos apresentados a um reverendo viúvo que vive em um povoado litorâneo na Dinamarca com suas duas filhas, Filippa e Martina. Belíssimas, prendadas e castas, as moças despertam a atenção dos homens das redondezas, que jamais são considerados pretendentes adequados pelo severo pai. Importante salientar que o pastor é uma autoridade e referência na comunidade local, recebendo os habitantes do vilarejo em sua residência para orar, e se tor-

---

1 Psicanalista em formação, membro provisório do CEPdePA.

2 Psicanalista, membro pleno do CEPdePA.

nando inclusive conselheiro daquelas pessoas. Enquanto o pai é o representante vivo da censura, quase encarnando a própria lei e atuando como uma espécie de rígido supereu, as filhas, ainda que de forma muito discreta, revelam a existência de desejos. O pulsional, afinal, sempre insiste.

É nesse contexto que surge na comunidade um oficial do exército, Lorens, sobrinho de uma das frequentadoras das rodas de oração. De imediato, o rapaz apaixona-se por Filippa, e percebemos que este é correspondido por meio de tímidas trocas de olhares. Porém, tão logo a jovem dá indícios de se aperceber de seus sentimentos, fecha-se para essa possível relação, gerando frustração, tristeza e, por fim, desistência do oficial, que retorna à sua cidade natal e acaba relacionando-se com a dama de honra da rainha. Todo este contato ocorre de forma sutil e comedida, quase silenciosa, como se não deixasse marcas, dado o nível de conformidade da jovem.

Algum tempo mais tarde, é a outra irmã que ganha um admirador. A despeito do cenário quase inóspito, composto por frio, chuva, neve e desconfiança, Achille Papin, um músico parisiense, desembarca disposto a levar um pouco de alegria à localidade. Sem grandes esforços, recebe permissão do reverendo para ministrar aulas para Martina, em quem reconhece uma voz potente e um talento especial. A moça, embora hesitante, anima-se com a possibilidade, e temos a oportunidade de vislumbrar belas cenas em que a sutileza da sedução vai tomando conta do ambiente musical, conforme as notas ficam mais enérgicas. Contudo, Martina percebe que há algo de desconcertante em si e no ambiente e solicita ao pai, sem precisar dar muitas explicações, que os estudos sejam interrompidos.

Em ambos os casos, podemos conjecturar que as irmãs, já tendo abandonado o período de latência, adentrado a adolescência e estando, enquanto jovens adultas, em plena vigência dos impulsos sexuais, acenam em direção à sua realização, ainda que de forma muito breve e temida, sendo essa a maneira possível em uma comunidade tão reprimida e repressora. Podemos imaginar quanto aquilo que sentem lhes parece tão inédito, perigoso e assustador que acabam por recuar, parecendo esperar, com esse gesto, livrar-se de qualquer estímulo e manter as intensidades tão baixas quanto possíveis – aqui em uma alusão ao funcionamento psíquico proposto por Freud (1895) em seu *Projeto*. Dito em outras palavras, o

psiquismo poderia retornar a um estado de repouso se não houvesse uma quantidade de energia circulando por entre ele. Assim, não sendo possível fugir do que vem de dentro, Martina e Filippa apressam-se em livrar-se das tentações externas, mantendo a quietude da casa e da aldeia.

O destino das irmãs termina por ser o mesmo: conservam-se intocadas, solteiras, embora seja digno de nota que nem por isso revelem algum amargor. Desde o início de sua obra, Freud (1908) remonta ao antagonismo existente entre a força da pulsão sexual e os interesses da cultura, apontando para as renúncias que o social exige, o que faz com que a libido, não mais servindo a fins sexuais diretos, fique a serviço da coletividade. É desse modo que, mesmo após a passagem de muitos anos, os costumes nesta pequena vila continuam sob as rigorosas regras religiosas do pastor, sendo as filhas as sucessoras do seu trabalho, mantendo a pequena comunidade unida na fé religiosa e na caridade, com total resignação com a sua realidade. A vida não lhes deve nada, não há questionamentos, não há prazeres... Até a chegada, em 1871, de mais uma estrangeira: Babette!

Babette bate à porta da casa das irmãs em uma noite fria e de tempestade, fugida de uma guerra civil na França e trazendo referências do inesquecível Achille Papin. As irmãs mostram-se receosas em empregá-la, mas sucumbem ao singelo pedido de emprego apenas em troca de moradia e comida. Babette acaba lentamente conquistando a confiança das irmãs, fazendo seu serviço com muita dedicação e melhorando, aos poucos, a culinária insípida que era preparada tanto para consumo em casa quanto para os pobres a quem elas ajudavam.

Após 14 anos, Babette é contemplada com um prêmio de 10.000 francos, fruto do único vínculo que ainda mantém com a França: um bilhete de loteria que um amigo de Paris se responsabilizara por comprar mensalmente. Como forma de agradecimento, solicita às irmãs que o jantar comemorativo ao centenário do Pastor seja por ela executado e custeado. Depois de muitas negativas, as irmãs acabam permitindo, mas com muito receio, pois desejam uma festividade simples, que combinaria com a vida de renúncias pregada pelo reverendo.

Babette começa, então, os preparativos para o grande evento! As irmãs, por sua vez, ficam muito assustadas com a chegada de produtos importados para a realização do jantar, e uma delas chega a sonhar que a criada estaria preparando algo

profano para a ocasião. Tomam a decisão de formar um pacto com os poucos e antigos fiéis convidados para o evento: iriam abster-se de deliciarem-se com o que fosse servido, pois temiam estar diante de algo muito demoníaco (e prazeroso).

Chega o grande dia e, além da preparação das iguarias, Babette se ocupa da arrumação da mesa, dispondo sobre elas taças, talheres e louças da melhor qualidade. De última hora, Filippa tem a notícia de que terão um convidado inesperado, o general Lorens, e não somente não demonstra incômodo como sinaliza com uma expressão que mistura resignação, lembrança e amor. Aos poucos, os convidados vão chegando e sentam-se à mesa com muita desconfiança. Os pratos começam a ser servidos e são devidamente harmonizados com os melhores espumantes e vinhos. É por Lorens, acostumado com a boa culinária de Paris, que a combinação começa por ruir: ele não entende como os demais participantes mostram-se indiferentes ao que está sendo oferecido. No entanto, à medida que o jantar vai ocorrendo e que a belíssima culinária desfila através de cada prato servido, as emoções despertam, as resistências são quebradas e o que se sucede é uma total delicadeza de sentimentos e harmonia entre os convidados. A apatia cede lugar à alegria e o ressentimento ao perdão. O general, já maravilhado com o que está acontecendo naquela noite, mostra-se imensamente surpreso quando um prato chega à mesa, as “codornas no sarcófago”, e diz que somente uma pessoa é capaz de fazê-lo, o grande gênio da culinária de Paris, a *chef* de cozinha do café Anglais! Terminado o jantar, Martina e Filippa têm a certeza de que Babette irá retornar à França. Esta diz que não tem mais vínculos lá, que seu marido e filho morreram na guerra e que gastou todo o dinheiro do prêmio com a refeição que costumava servir em Paris.

Este belíssimo filme tem seu apelo maior para as questões do afeto ligado à comida, tendo seu momento máximo nas cenas do jantar. Impossível não se deliciar com este banquete de emoções! Ao mesmo tempo, lembramos o termo popularmente usado para descrever uma ocasião como essa: orgia alimentar. Novamente, a sexualidade entremeando os gestos, o pensar, o fazer, e escancarando o pulsional que o recalque insiste em abafar.

Lembremos que Freud (1926) conceitua o recalco como um fora da lei, não sujeito às normas que regem o consciente. Assim, não parece à toa o temor das irmãs virgens com relação ao festim proporcionado pela estrangeira – esta

que, mesmo conhecendo as regras da comunidade, tinha liberdade para não se submeter a elas, apresentando o sexual como algo da ordem do amor, da união, em contraponto ao desligamento proposto no triste pacto de abstenção do desejo. Também o general Lorens atua como uma espécie de estrangeiro durante o banquete. Ao desconhecer o pacto outrora firmado entre os fiéis, permite-se degustar cada um dos sabores proporcionados pela cozinheira, estabelecendo um livre trânsito para o prazer.

É pelo caminho do sexual que essa linda história nos faz arriscar algumas reflexões sobre como se deu a vivência edípica dessas filhas que, de tão devotadas ao idealizado pai, acabam impedidas de viver sua sexualidade, sua autonomia, e de ter uma existência separada da família de origem. Já pontuamos anteriormente que a figura paterna é fortemente presente em toda a narrativa. Contudo, chama a atenção que não há nenhuma lembrança da existência da mãe e sequer alguma menção a ela. Além disso, no próprio vilarejo, o reverendo jamais é substituído, ficando as sucessoras incumbidas de perpetuar sua palavra e, conseqüentemente, sua presença. Como refere Freud (1913) em seu mito científico *Totem e tabu*, o pai morto se torna ainda mais forte do que fora em vida.

Com este cenário em que se destaca um pai insuperável, que tampouco auxilia as filhas a criarem outros vínculos substitutivos do amor original, podemos presumir a dificuldade das duas irmãs de se desvencilharem das armadilhas edípicas que ficaram escondidas na caridade e na fé. Poderia a presença de Babette ter revelado um caminho para o reaparecimento da figura materna, aparentemente inexistente na vida das irmãs e do povoado? Por meio da função de nutrição, uma das principais atribuições iniciais da mãe, que se inicia ainda no útero, Babette pode ocupar brechas deixadas pela privação materna; enquanto alimenta, ela também cuida e erotiza de forma permitida, apresentando a comida para além do sabor, com pitadas de vida, beleza e sensualidade.

Nesse sentido, lembramos que há mais de uma cena retratando a criada em momentos de negociação, seja quando vai à mercearia, seja na compra de peixes diretamente do fornecedor. Em todas, fica evidente sua capacidade astuta de barganhar, algo raro e que punha toda a comunidade em alerta, como se em todos ecoasse a dúvida: como ela consegue fazer isso? Podemos relacionar tais passagens

à revelação da existência de um enigma do feminino, além de uma boa dose de atividade na passividade, bem como uma mescla eficaz entre a capacidade de conter e a possibilidade disruptiva de arriscar.

Nesse ponto, nos ocorre uma alusão à vida pessoal do próprio Freud, que, em mais de uma ocasião, referiu-se à filha caçula como “minha Antígona”, em uma analogia com a filha de Édipo. É sabido que Anna, tendo sido a única entre os herdeiros a interessar-se por psicanálise, atraiu para si a responsabilidade pelos cuidados com o pai e com sua obra. Freud, ao nomear dessa forma a filha, parece agradecê-la por ter permanecido a seu lado, protegendo-o e cuidando de seu legado até o fim de seus dias. Contudo, também lembramos que Anna ficou, de certo modo, impedida de viver livremente sua sexualidade, como que tributária da psicanálise e das ideias do pai<sup>3</sup>. Assim, ainda que de diferentes formas, tanto a vida quanto a ficção parecem dar notícias de conflitivas edípicas com resoluções nada simples, que deixam a marca de uma apertada teia endogâmica, com pouco espaço para uma vida mais independente.

Para nos encaminharmos ao fim desta comunicação, gostaríamos de retomar a questão do estrangeiro trabalhada por Freud (1919) quando nos fala sobre um estranho familiar como uma forma muito específica de retorno do recaiado, uma sensação que acaba por trazer à tona aquilo que deveria ter permanecido nas sombras. É assim que compreendemos os três estrangeiros que aqui nomeamos: Achille Papin, Babette e o general Lorens trazem, cada um a seu modo, notícias sobre a sexualidade, sobre a possibilidade de desejar e de satisfazer as aspirações, tópicos a respeito dos quais a comunidade local mantinha-se alienada. Contudo, há uma importante diferença aqui: enquanto os estrangeiros homens, mais ameaçadores, foram hóspedes fugazes, a presença de Babette foi mais bem tolerada, tendo-se consolidado como perene.

Utilizando a proposta teórica da segunda tópica, lembramos que, no princípio, era a pulsão de morte. A libido, portanto, é trazida por essa estranha familiar

---

3 Se não faltam rumores e mesmo evidências de que Anna tenha vivido um romance com Dorothy Burlingham, diversas fontes afirmam que a filha de Freud não lidava bem com a própria homossexualidade, estabelecendo com a companheira uma relação afetiva amistosa, porém não sexual, no aspecto genital.

chamada mãe (ou aquele que assuma suas funções). Nesse sentido, se explicaria melhor o título por nós proposto: a sexualidade é vivenciada como estrangeira devido à falta de intimidade que as irmãs (e a comunidade como um todo) tinham com ela. Babette, como sedutora autorizada, cumpre um importante papel nesse sentido, inaugurando experiências desejantes e desejadas.

Antes de concluirmos, gostaríamos ainda de deixar registradas algumas informações sobre a autora do conto, mais uma que revela mistérios trazidos de outras terras, plenos de ambiguidade. De naturalidade dinamarquesa, Karen Blixen (1885-1962) escrevia também em inglês, porém sob o pseudônimo de Isak Dinesen. Diz-se que escolheu um nome masculino por acreditar que a sociedade da época não estaria pronta para valorizar adequadamente uma literatura feita por mulheres. Outra questão relevante é sua relação com a África, continente no qual viveu por quase duas décadas, onde se apaixonou, envolveu-se com causas comunitárias e que inspirou seus principais escritos. Os trânsitos entre a língua materna e outra língua aprendida, entre o original e a criação, entre o herdado e o construído, entre os universos masculino e feminino são todos temas presentes no conto aqui examinado, bem como nos enredos escutados nas salas de análise.

O psicanalista argentino Mariano Horenstein (2013) se utiliza dessas noções para posicionar a própria psicanálise como um saber estrangeiro. Também dessa forma concebe o lugar do analista, alguém que deve abandonar o terreno das obviedades, esforçando-se por escutar a fala do analisando como se fosse sempre outro idioma, com algo de desconhecido, indecifrável. Segundo Renato Trachtenberg (2017, p. 112):

A psicanálise tem como meta fundamental o descobrimento de si, a tentativa sempre difícil de encontrarmos com aquele que somos, com a nossa própria estrangeiridade perdida ou nunca aceita ou ainda não nascida. Mas não nos iludamos: nós resistimos com todas as forças ao encontro com o estrangeiro em nós mesmos, esse estrangeiro sem passaporte que me faz eu mesmo, esse que me desafia a qualquer pretensão de uma identidade, esse que devo hospedar para ser.

A hospedagem e o acolhimento a Babette trouxeram para as irmãs uma possibilidade de estabelecimento de pontes. Ponte entre o presente e passado, entre o profano e o sagrado, entre o ódio e o amor, entre a mentira e a verdade, entre o bem e o mal, entre o simples e o sofisticado, entre a mãe e o pai, enfim todas as dualidades e complexidades que nos fazem humanos. Martina e Filippa talvez tenham sido reféns da sua época, da sua história e das armadilhas edípicas contidas nela, mas sempre há tempo de resignificarmos alguns sentimentos, basta prestarmos atenção nas oportunidades, sentarmos à mesa com o estrangeiro que está dentro e ao nosso lado e nos deliciarmos com o maravilhoso banquete que é viver. *Bon appétit!*

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 1).

\_\_\_\_\_. (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 9).

\_\_\_\_\_. (1913). Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 13).

\_\_\_\_\_. (1919). O estranho. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 17).

\_\_\_\_\_. (1926). Inibições, sintoma e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 20).

HORENSTEIN, M. Tornar-se estrangeiro. **Jornal de Psicanálise**. Formação: entre o público e o privado, São Paulo, v. 46, n. 84, p. 69-82, 2013.

TRACHTENBERG, R. O rio, a ponte e o outro lado do rio: alguns pensamentos sobre estrangeiros, fronteiras e psicanálise. **Psicanálise: Revista da SBPdePA**, Porto Alegre, v. 1, p. 101-119, 2017.